

Um fascinante estudo sobre o medo

MAURO SANTAYANA

Em dia de abril, em 1960, certo cão vagava na praia, a 50 quilômetros de Lisboa. Como se tratasse de cachorro desconhecido, um pescador seguiu-o — e encontrou o grupo de cães que desoterravam com dentes e unhas, o cadáver de um homem. O corpo era o do capitão Almeida Santos, que estava desaparecido, depois de haver participado de frustrada conspiração militar contra Salazar. O cadáver tinha os sapatos trocados nos pés, e o crime foi atribuído à temível Pide — Polícia Internacional e de Defesa do Estado — pelos opositores ao regime.

Na verdade o assassinato era resultado de uma exacerbação da realidade política e humana de Portugal daqueles anos. O país era depósito de medo, e o medo se instalava em cada um dos homens e mulheres da classe média e intelectualizada, como pequeno e irritante demônio. A Polícia encontrou culpados, a Justiça salazarista os condenou — mas a opinião pública continuava acreditando que o militar Almeida Santos, tal como ocorreria ao general Humberto Delgado, fora devidamente arquivado pela Polícia Política.

Em “Balada da Praia dos Cães”, José Cardoso Pires faz o que ele chama “Dissertação sobre um Crime”, e reconstitui, para além da realidade (penetrando-a sob a epiderme dos depoimentos e confissões) o que foi um episódio daqueles anos em que o regime agonizava no desvario esclerótico do professor Antônio de Oliveira Salazar.

A MULHER DE CHISPA NO OLHO

Pequena, roliça, extremamente sexy, M.J.M.S. tinha “chispa no olho”. Casada com um empresário do Porto, vivia a ociosidade das mulheres ricas. Por não ter nada o que fazer, dedicava-se às frivolidades das grã-finas — e tinha um professor de equitação. O professor de equitação era o capitão Almeida Santos, meio louco, metido a conquistador, inculto, violento, e ágil como um gato. Entre os dois surge o romance turbulento, na mesma época em que todo Portugal conspira contra o regime.

Para a jovem e entediada grã-fina, a conspiração era algo que combinava com os cavalos de puro-sangue e o amante bruto. Mais um mistério, como nos bons romances ingleses em que a “lady” é sempre atraída pelo cheiro de feno das estrebarias. Os dois, metidos em grupo que reunia comunistas, anarquistas, monarquistas e católicos inquietos, foram presos. Ela, em pouco tempo, pôde sair tranquilamente da dificuldade: a influência do marido e seu pouco envolvimento retiraram-na do processo.

Almeida Santos foge da prisão, em operação preparada pela amante, que para isso dispõe dos recursos do marido. Para facilitar a fuga, alicia um cabo para a conspiração — sem saber que o militar era um velho militante. E há um terceiro que se evade, junto aos dois; um médico, do mesmo grupo. Vão todos para uma casa alugada pela mulher em Rio de Mouro, que arrasta também sua mãe ao esconderijo.

Dia a dia, hora a hora, entre o mar e a re-

pressão, que os busca, as cinco pessoas vão enfrentando o medo que cresce. O medo não está lá fora, apenas. Entra casa adentro e passa a habitar cada um deles. Entre todos, o que parece mais forte é o mais fraco: o capitão Almeida Santos. Ele percebe que a sua personalidade está ameaçada pela inteligência do médico e pela firmeza ideológica do cabo. E passa às crises de ciúme. Acha que a mulher e o médico se aproximam, enquanto ele, inseguro, é presa da impotência.

É nesse clima que, quase sem palavras, articula-se, poderosa, a conspiração para o crime. O cabo e o médico, com a silenciosa cumplicidade da mulher, que teme a ira do capitão, concertam matá-lo.

Uma tarde, depois de um dos costumeiros conflitos entre o capitão e a mulher, quando o militar, irado, qualifica-a com duas sílabas e quatro letras, seus dois companheiros o liquidam.

O HOMEM QUE NÃO QUERIA MORRER

As mulheres estavam na cozinha. O cabo e o médico revezavam-se na tarefa de lhe meterem quatro tiros, mas Almeida Santos se recusava a morrer. O sangue esguichava de seu corpo atarracado, que se movia, tentando defender-se. Acabaram de matá-lo com uma pá de lareira. Depois disso, as mulheres chegam, ajudam a embrulhar o corpo e, antes de levá-lo ao superficial sepultamento na praia, todos jantam tranquilamente ao lado do cadáver empacotado.

Quando, já noite escura, o enterram, lembram-se de que lhe faltam os sapatos (Almeida Santos estava em chinelos ao ser liquidado), buscam-nos e os metem nos pés do morto. Trocam o direito pelo esquerdo, mas insistem, supondo que, já estando frio o defunto, os pés se achavam duros.

Nesta mesma noite ela vai para a cama com o médico. Eram já os idos de março, quando dos últimos frios antes da primavera. Quinze dias depois, descoberto pelos cães, e sendo por eles dilacerado, o cadáver aparece na beira do mar.

É esta a história que José Cardoso Pires reconta, trabalhada com fascinante técnica narrativa, em “Balada da Praia dos Cães”, lançado há pouco mais de um mês em Lisboa.

QUEM IRIA ACREDITAR NO ABSURDO DA VERDADE?

— Não quis fazer nada que pudesse lembrar Norman Mailer, nem Truman Capote. Não fiz uma reportagem-novela, nem abandonei a realidade. Quis ir além dos comparsas, para lhes dar as dimensões trágicas que Portugal daqueles anos sugeria — diz José Cardoso Pires.

— De uma certa maneira domei a realidade, contendo-a nos limites da verossimilhança. Não reproduzi o fato de que haviam jantado ao pé do cadáver. Quem iria acreditar nisso? Considerar-me-iam um péssimo romancista, desses que se deixam seduzir pela imaginação enlouquecida.

OS ANOS DE DECANTAÇÃO

O crime ocorreu em 1960. Em 1961, uma

O Grande Prêmio de Romance e Novela, concedido anualmente pela Associação Portuguesa de Escritores, foi entregue ontem a Cardoso Pires, pelo livro “Balada da Praia dos Cães”



amiga de Cardoso Pires, que se encontrava asilada na Embaixada do Brasil, faz chegar um manuscrito às mãos do romancista.

— Era o memorial de um dos assassinos, que estava preso, o médico. Nele narra o fato com absoluto distanciamento. Sem remorsos, sem desculpas. Era como se referisse aos fatos não como protagonista, mas isenta testemunha. Aqueles não eram tempos para tocar no assunto, e nem eu sabia como fazê-lo. Deixei-o para depois. Conheci, mais tarde, o autor do crime e da confissão escrita. Conversamos muito tempo. Vi, depois, a mulher, mas nunca me encontrei com ela, nem com o cabo. Procurei evitar que eles perturbassem meu trabalho. Tenho, porém, a certeza de que o mais firme de todos era o cabo. Ela se desmorona como ser humano. Torna-se amante de um sujeito da Pide, escreve cartas miseráveis para o marido, que busca anular o casamento através do Vaticano. Mas a realidade nada tem a ver com a justiça do destino: o marido morre antes do divórcio, e ela se torna multimilionária. Hoje, aos 50, mas ainda muito bonita, gasta seu tempo em ver adolescentes e mocinhas em idílio, e em levar alguns rapazes para a cama. O médico é um tranquilo senhor que envelhece.

— Deixei que houvesse uma longa maturação da idéia que eu trazia e uma lenta decantação da história, antes de escrever o livro — conclui Cardoso Pires.

O MATEMÁTICO E O PILOTO

José Cardoso Pires nasceu na Beira, na Aldeia do Peso, mas nunca viveu lá.

— Minha mãe era como os peixes; quando chegava a hora, subia o córrego, para desovar na aldeia. Em 1974, o *Jornal do Fundão*, que tinha uma das melhores páginas literárias do país, decidiu homenagear, com um pileque de dois dias e duas noites, três beirões de nomeada: éramos o poeta Eugénio de Andrade, o escultor Cargaleiro e eu. Pediram que eu falasse, fizesse o elogio do beirão, e eu disse que aquela era a terra dos pés: pedras, padres, políticos e pides. Prostitutas, não, porque as mulheres dali são muito feias e não se prestam para isso. Vamos lá que eu estava de fogo, mas, quanto aos padres e pides, nada a retirar. Ali era um celeiro de seminaristas, porque seminário é de graça. Depois, podiam solicitar a equivalência ao liceu e estavam aptos para servir na polícia política. Certa vez, quando fui preso, um pide passou por perto e disse, baixinho, que era meu primo. É bem possível.

Cardoso Pires nasceu em 1925. Em 1946 alistou-se na Marinha Mercante e publicou seu primeiro conto, “Salão de Vintém” em uma antologia de novos narradores.

Em 1952 publica seu primeiro livro, “Histórias de Amor”, que é apreendido, e o autor conduzido à Pide. Ali lhe fazem a proposta: mutilasse o livro e fizesse uma nova edição que poderia circular. Cardoso Pires preferiu que o livro continuasse proibido a substituir uma vírgula que fosse. Depois de outros livros, todos bem recebidos pela crítica e pelo público, Cardoso Pires lança, em 1966, seu romance mais conhecido: “O Delfim.”

Tenaz adversário do fascismo, José Cardoso Pires é também ferrenho inimigo dos maneirismos literários. Acha, por exemplo, que Eça foi um enganador, e proclama sua ojeriza contra o autor de “A Relíquia” em voz bem alta.

Cardoso Pires diz que os escritores que o antecederam foram muito influenciados pelos brasileiros. Fernando Namora recebeu forte influência de José Lins do Rego, e Carlos Oliveira foi marcado pela vigorosa presença de Graciliano Ramos.

— Tenho o maior respeito pelos escritores brasileiros, que nos deram ânimo nos anos difíceis. Mas, quanto a mim, a influência maior foi a dos escritores anglo-saxônicos.

UMA SAGA DO MEDO

O medo é o irmão de todas as conspirações. Não se conspira apenas contra o Poder; conspira-se, sobretudo, contra o medo que o Poder impõe. Chega um momento em que o medo, tornando-se maior ou mais brando, promove a reação, solerte ou aberta.

Os poderes ilegítimos, como o Estado Novo Português, só se sustentam no medo que impõem, mas costumam ser derrotados pelo mesmo princípio. Na vida clandestina o convívio com o medo se torna dramático. O temor à delação faz de cada militante um lobo solitário, acuado no interior de seu próprio grupo, também solitário. É este medo que leva, muitas vezes, a suspeitas infundadas, ao assassinato de inocentes, como resultado de uma insustentável tensão, gerada pelo isolamento. O livro de Cardoso Pires é, sobretudo, um fascinante estudo sobre o medo.